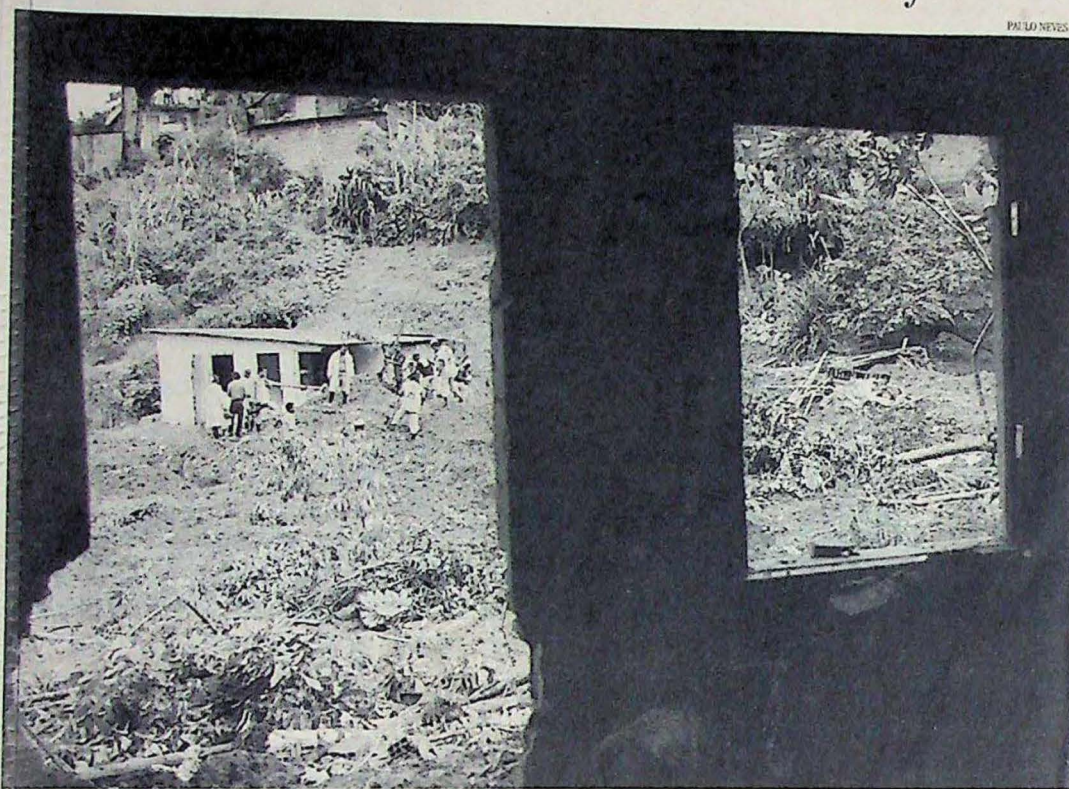


■ CALAMIDADE

As invasões espalhadas pela cidade pedem socorro

Mais de 70 por cento da área de Salvador foi tomada pelos invasores que estão correndo risco de vida



O perigo ronda as casas construídas de qualquer jeito e espalhadas por diversas aglomerações



Cajazeiras. Quase toda Salvador é área de extremo risco

Mais de 70 por cento da população da cidade estão concentradas nos morros ou encostas, nos quais a Codesal constatou problemas estruturais e que a qualquer instante podem registrar corrimento ou deslizamento de terra.

A Codesal constatou essa situação e está em alerta, mas conta com apenas 62 engenheiros para atender às solicitações e fazer inspeções. As atenções estão voltadas neste instante para o corredor ferroviário, que vai de Lobato a Paripé. Para as encostas de São Caetano. Região de São Gonçalo do Retiro nas proximidades da pedreira onde aconteceu a tragédia da última terça-feira. Para a Capelinha de São Caetano, sustentada numa rocha e debruçada sobre a Suburbana.

Nestes locais o perigo é mais iminente. São áreas densamente habitadas e em caso de desabamento o número de vítimas seria incalculável. A prefeitura já decretou situação de calamidade. O governo estadual somente ontem procedeu a ho-

mologação de reconhecimento. Agora a prefeitura espera conseguir verbas do Governo Federal para atender aos desabrigados.

A estatística dos estragos provocados pela chuva é terrível. Os mortos já são 46, computando-se os dados de todas as áreas onde ocorreram sinistros: uma criança morta no dia 24, no desabamento em Vila Canária. Dia 28, morte de uma menina no Novo Marinho; 32 mortos no Retiro, e oito ontem, em Cajazeiras VI.

Estima-se que aproximadamente 70 pessoas estejam ainda soterradas no Arraial do Retiro e em Cajazeiras VI. Já são mais de cinco mil as pessoas desabrigadas, de acordo com informações da Codesal. Elas estão sendo removidas para colégios e galpões da Limpub e da Leste. Tornaram-se indigentes, vivendo nas piores condições que se possa imaginar.

ROCHA EM DECOMPOSIÇÃO

A situação verificada na pedreira Arraial do Retiro, onde os engenheiros da Codesal constataram que a rocha está em decomposição, o que torna eminente a possibilidade de deslizamento, é a mesma nas antigas pedreiras que existem na cidade. Uma delas é a de Lobato, sobre a qual está localizado o bairro de Capelinha de São Caetano, onde no começo da semana registrou-se movimento de terra e ontem foi inspecionada por técnicos da Codesal. Outra área de risco é a do Sertão, entre a Avenida Barros Reis e o bairro do Pau Miúdo, também situado sobre uma pedreira.

■ LOBATO

Pedreira leva perigo a 95 casas

Um técnico da Codesal esteve ontem na Pedreira Santa Luzia, em Lobato, fazendo uma vistoria num paredão de pedra de cerca de 40 metros de altura, que começou a desabar, desde terça-feira, destruindo dois barracos. O perigo dessa pedreira é que em cima dela estão 60 casas e embaixo 35, que fazem parte do bairro de Capelinha de São Caetano. Hoje a Codesal vai fazer o cadastramento da área, e posteriormente a relocação dos habitantes. Junto com a equipe de técnicos da Assistente Social da Codesal, voluntárias da Escola de Serviço Social da Ucsal avisavam às famílias sobre o perigo do desmoronamento. A área foi condenada pela prefeitura que alertou para a impossibilidade deles permanecerem no local.

Segundo Jorge Assis, o técnico que vistoriou a área, a Pedreira de Santa Luzia tem "as mesmas características geológicas de São Gonçalo. São Rochas afendilhadas em decomposição. Elas po-

dem desmoronar a qualquer hora com o ruído de um trovão", diz ele. A prefeitura pediu aos moradores que se dirijam à Codesal, na Avenida Bonôco.

O grande problema é que os moradores não querem sair do local. "Muitos não têm nem como sair de suas casas para ir ao alojamento da prefeitura", diz a assistente social Maria de Fátima Silva que tentava, ontem, com a ajuda de duas voluntárias, cadastrar cerca de trezentas famílias moradoras na invasão.

A doméstica Dalva Oliveira Corte, moradora há 10 anos da antiga pedreira é uma das moradores que não querem deixar suas casas. "Onde eu moro não há perigo", diz ela convicta de que o paredão de rocha é mesmo resistente. Já Dalva Matos dos Santos não tem tanta certeza disso. Ela teve sua casa parcialmente destruída na última terça-feira por uma avalanche de lama e rocha que desceu do barranco e obstruiu a porta da sua casa. "Por pouco não mata meu so-

No Vale do Ogunjá, a invasão Yolanda Pires representa também um grave perigo para as muitas famílias que insistem em viver dependuradas no barranco. Há mais de dois anos aconteceram desabamentos com mortes. Os Casebres que não desabaram foram demolidos e as famílias transferidas para um conjunto construído às pressas em Mussurunga. Mas o local foi novamente invadido, sob as vistas grossas da prefeitura.

Baixa do Cacau, em Brotas. Invasão do Infeminho, Calafate. Campinas de Pirajá. Periperi. Alto do Lobato. Boa Vista do Lobato. Narandiba. Beiru. Bate Coração. Nova Constituinte. Vale da Muriquoca. Bom Juá. Fazenda Grande. Calabefão. Baixa do Camaruijipe. Sussuarana. Mata Escura. Invasão Roberto Santos. Pernambuco. Sarandaia. São alguns exemplos das áreas que oferecem perigo. Todas elas tem alguns detalhes em comum.

Estão localizadas em encostas ou morros, onde para que as casas fossem construídas seus proprietários promoveram cortes na terra, desestabilizando-a. As construções, em sua maioria, não observaram qualquer critério técnico e foram erguidas de maneira clandestina, sem fiscalização.

Outro detalhe. Não existe saneamento urbano. Os esgotos correm a céu aberto. As águas servidas saem das casas através de tubulações que não vão a parte alguma. Despejam nas encostas, destino também do lixo. Tudo isso contribui para a degradação do terreno que, com a chuva continuada termina por ceder.

DOAÇÕES

As doações podem ser feitas pelo fone 156 ou nos seguintes locais:

- Prefeitura - Praça Municipal
- Quartel-General da PM
- Igreja Universal - Largo dos Dois Leões
- Arquidocese - Campo Grande
- LBV - Rua Constâncio Alves, 02 - Saúde
- Shoppings da cidade
- Qualquer Igreja Católica

Os donativos em dinheiro devem ser feitos através dos telefones:

- ☎ 900.4005 - 5 reais
- ☎ 900.4050 - 50 reais
- ☎ 900.4010 - 10 reais
- ☎ 900.4110 - 100 reais

EDITORIA DE ARTE

■ ESPERANÇA

Salvando o que restou

Quem subiu ontem as encostas "condenadas" de Cajazeiras VI depois do deslizamento que arrastou mais de 20 moradores para a morte, pôde constatar o perigo que ronda toda a área. Nos 1.200 metros quadrados que formavam uma espécie de praça central da Invasão Parque Sílvia Leal, 3 mil toneladas de argila arenosa escondiam casas e corpos.

Ao escalar a encosta íngreme da invasão que dá acesso ao bairro, o cenário era de desolação. Casas fechadas. Barrancos cedendo. Som de água de chuva correndo no solo úmido. Perigo no chão. "Esse local é ainda mais perigoso que São Gonçalo do Retiro. Aqui o solo não foi compactado e existe mais gente morando", avalia o engenheiro Ademir Pontual, gerente de Construções e Conservação de Equipamentos Comunitários da Secretaria Estadual de Ação Social.

Na parte alta do morro que desmoronou a agitação era outra. Móveis e eletrodomésticos, em nervosa circulação, eram carregados na cabeça ou esperavam o caminhão de mudanças da Prefeitura acampados no meio da rua. O

servente José Balbino dos Santos, 23 anos, salvava geladeira, TV e a cama. "Conhecia todos os que morreram", comentou apressado.

Até as 18 horas de ontem, 46 famílias se dividiam em 15 salas. Outras 15 foram alojadas na Escola Conselheiro Batista Neves. Segundo o secretário estadual do Trabalho e Ação Social, Heraldo Rocha, o número de desabrigados instalados em escolas públicas estaduais já chega a 900.

O secretário da Ação Social não sabe precisar quando as aulas vão recomençar nas escolas estaduais ocupadas por desabrigados. Na cozinha da Escola Ana Bernardes 250 kg de alimentos doados pela comunidade foram chegando aos poucos. Enquanto isso, Célia Gomes, diretora da escola, fazia um apelo aos funcionários: "É para vir trabalhar como se a escola estivesse funcionando normalmente." Do lado de fora centenas de formigas trabalhavam incessantemente. Levavam pedaços de folhas verdes para o formigueiro. Sinal de muita chuva.

Prefeitura ainda luta para obter verbas federais

Com a homologação ontem do estado de calamidade feita pelo governador Paulo Souto, a prefeita Lídice da Mata espera a liberação de R\$ 11 milhões pela Defesa Civil do Governo Federal para executar as obras emergenciais de retirada e relocação das famílias desabrigadas pela chuva. Com esse dinheiro serão adquiridos também novos equipamentos para o resgate das vítimas.

"Espero para o mais cedo possível a resposta positiva da Defesa Civil. Tão logo seja liberada a verba, a prefeitura tomará as providências emergenciais", afirmou Lídice. Além desses recursos, a prefeita solicitou R\$ 22 milhões para a construção de novas casas, posteriormente.

Um galpão localizado em Campinas de Pirajá está sendo preparado pela Secretaria de Terras e Habitação para abrigar 50 famílias que venham a sofrer com novos desabamentos. Ontem pela manhã, depois de se dirigir a Cajazeiras VI, Lídice se reuniu com o seu secretário para traçar novos planos de ação.

Trabalho vem sendo muito lento

Líderes da Associação Comunitária da Pedreira de São Gonçalo calculam que cinco corpos ainda estejam soterrados na área do deslizamento. Os trabalhos de escavação na área ontem foram lentos. Apenas 15 homens do Corpo de Bombeiros e 30 da Sumac estavam trabalhando com pás e enxadas. A maior parte das equipes de resgate foi deslocada para a Invasão Parque Sílvia Leal, em Cajazeiras. A busca em São Gonçalo do Retiro deve ser intensificada hoje.

O solo de "vale", semelhante a um terreno pantanoso, foi o maior obstáculo para a conclusão da estrada ainda ontem. O problema estava sendo solucionado com a colocação de escória (resíduo silicoso resultante da fusão de metais). A previsão é de que ainda hoje, as máquinas comecem a revir a terra à procura de outros corpos.



Apesar do empenho das equipes, a falta de equipamento prejudica